

Contestação da obra “Reencarnação e Cristianismo – Água e óleo”

O presente trabalho tem a finalidade de atender a um pedido, via e-mail, do seguinte teor, feito por um leitor do site <http://www.apologiaespirita.org/apologia/>:

Olá!

Antes de tudo gostaria de dar os parabéns pelo site, foi um grande alívio encontrá-lo.

Já fui evangélico, mas encontrei boa parte das respostas que precisava no Espiritismo e hoje me intitulo como Espírita.

Li quase toda a Bíblia e por isso tenho um bom conhecimento sobre ela, o que as vezes me traz algumas dúvidas que vejo que vem sendo esclarecidas sobre o espiritismo.

Gostaria MUUUUUITO que vocês pudessem refutar esse pequeno livro para mim (tem aprx 30 pág). Principalmente nas partes que ele utiliza a Bíblia. Alguns argumentos eu mesmo consegui ver que ele estava errado, mas depois passei a me confundir.

<http://www.napec.net/wp-content/uploads/2011/08/ebook-Reencarnacao-e-Cristianismo.pdf>

Conto com a ajuda de vocês,
muito obrigado

Vamos ao que diz João Rodrigo Weronka, o autor do livro em referência, fundador do NAPED - Núcleo Apologético de Pesquisas e Ensino Cristão, que, infelizmente, não conseguiu entender o que é realmente apologética, daí se preocupar em atacar a religião dos outros, no caso, o Espiritismo.

Inicialmente, esclarecemos que não analisaremos os tópicos INTRODUÇÃO e HISTÓRICO DO KARDECISMO, seja para poupar o leitor de leitura, que consideramos totalmente supérflua, seja por não ter qualquer relação com o assunto a que se propõe o livro, que é negar a reencarnação, conforme palavras do próprio autor, quando diz:

“Como proposto no início, o objetivo deste estudo não é se aprofundar nos mais variados ensinamentos Kardecistas, mas focar no mais popular deles: a reencarnação. Vale lembrar que não é apenas o Espiritismo que abraça tal ideia. O hinduísmo, budismo e uma infinidade de seitas ocultistas ligadas ao Movimento Nova Era adotam a posição reencarnacionista. Como existem variações de conceitos, vamos alinhar nosso foco, trabalhando com o conceito de reencarnação sob a ótica Kardecista. O próprio Kardecismo é filho de uma mistura estranha [5] HAMON. in Revista Defesa da Fé n.º 71, p. 49:

“Allan Kardec uniu o cristianismo à necromancia e a alguns conceitos hindus, sem levar em conta que ‘água e óleo’ não se misturam. Seu espiritismo não é um espiritismo verdadeiro e seu cristianismo é igualmente inventivo. Seus seguidores se julgam cristãos, mas, a rigor, veremos que isso não pode ser tomado por verdade.”

Veja o leitor que o autor mistura necromancia com reencarnação, que são coisas totalmente distintas, pois necromancia, pela sua própria raiz etimológica tem o sentido de

adivinhar por meio de cadáver (morto), sentido esse que foi deturpado ao longo do tempo para o de simplesmente falar com os espíritos, seja lá por que motivo for.

Em seguida ele parte para o destaque do uso da mídia impressa e televisiva para divulgação do espiritismo, citando os nomes de Raica de Oliveira, Cléo Pires, Fábio Junior e Gustavo Kuerten, mencionados em uma reportagem da Revista Época e duas novelas da Rede Globo.

Em decorrência da citação desses dois veículos de comunicação, perguntamos:

Será que o autor desconhece as redes católicas e evangélicas de rádio e de TVs, inclusive de rádios clandestinas, sob o disfarce de “comunitárias”, operadas por pastores evangélicos dos seguimentos neopentecostais, além de programas em horários nobres, e madrugada a dentro, pagos a preço de ouro?

Será que a cegueira dogmática chegou a tal ponto de não enxergar tais coisas?

Em decorrência disso, pedimos ao autor que nos mostre algum outro meio de comunicação espírita além da Rádio e TV Boa Nova e a TV CEI, esta via internet; ah! Quase me esqueci da Rádio Rio de Janeiro...

Em seguida, o autor mistura fenômenos mediúnicos com reencarnação, conforme suas próprias palavras:

“O absurdo da aceitação de conceitos espíritas pela sociedade, e divulgado pelos meios de comunicação com extremo frenesi, é que em maio de 2006, no município de Viamão, estado do Rio Grande do Sul, uma carta supostamente ditada por um morto (psicografada por um médium) ajudou na absolvição de uma mulher acusada de cometer determinado crime. Pasmem querido leitor, o júri ficou sensibilizado com a carta onde a vítima inocentava a ré. Enfim, é o cúmulo. Tudo isso está registrado nas páginas da referida revista” [6- Revista Época n.º 424 – julho 2006 – disponível também em www.epoca.com.br].

Destacamos desse trecho: “O absurdo da aceitação de conceitos espíritas pela sociedade, e divulgado pelos meios de comunicação com frenesi (...)”.

Ora, prezado leitor, como se pode querer falar em “frenesi” dos meios de comunicação se o senhor autor cita apenas uma reportagem em uma revista e duas novelas, em comparação com as “milhares” de programações diárias católicas, em redes próprias, e evangélicas, em redes próprias e em redes particulares, em horários comprados a peso de ouro numa verdadeira guerra (de quem paga mais!), guerra essa anunciada pelo dizimo e “contribuições” de pobres incautos?...

E mais: o que fenômeno mediúnico tem a ver com a lei da reencarnação, além do fato de fazerem parte dos postulados da Doutrina Espírita? Acho que o senhor autor está tentando misturar “alhos com bugalhos”, ou seja, para usar sua própria expressão, água com óleo... Isso porque, o fenômeno mediúnico independe de religião, enquanto a reencarnação faz parte do arcabouço doutrinário do Espiritismo e de várias outras religiões.

Mais ainda: será que o autor desconhece o fenômeno mediúnico ocorrido no pentecostes que, inclusive, deu origem a novas denominações evangélicas e que, por coincidência, estão tirando o sono de muitos seguimentos protestantes tradicionais e do catolicismo, face aos fenômenos mediúnicos praticados por alguns líderes desses seguimentos, a ponto de serem considerados milagreiros e exorcistas? Será que o verdadeiro motivo da preocupação dos seguimentos evangélicos tradicionais e do catolicismo, não é a ocorrência de fenômenos mediúnicos nos cultos realizados nessas igrejas e nos grupos carismáticos, justamente por porem os fiéis cristãos em contato mais constante com os espíritos? Faço essa indagação justamente

porque a exposição desses fenômenos aos fiéis os põe em contato mais direto com os espíritos, deixando-os curiosos a esse respeito, a ponto de levá-los a ler obras espíritas, o que tem motivado alguns, até então, fiéis evangélicos ou católicos a se convencerem da lógica dos postulados espíritas. Veja o leitor que não falo em se converterem, mas em se convencerem; por que falo em se convencer? Simplesmente porque quem se convence é porque aceita algo como verdadeiro, como os postulados doutrinários do Espiritismo, sem, necessariamente, mudar de religião, como alguns amigos evangélicos e católicos que aceitam a reencarnação e continuam em suas respectivas religiões alguns até mais convictos da necessidade da prática do evangelho do que antes, inclusive sem deixar de contribuir para a sua igreja, mas direcionando suas doações às finalidades de cunho assistencial.

Esse, para mim, é o verdadeiro medo das religiões sectaristas, já que o espírita não assume a religião como profissão; ele simplesmente a exerce em horas não dedicadas ao seu sustento e ao de sua família, seguindo o exemplo de Paulo, de não ser pesado a ninguém (1Ts 2,9).

Vamos ao tópico

REENCARNAÇÃO: O QUE DIZEM OS ESPÍRITOS DE KARDEC

Aqui o autor transcreve algumas perguntas e resposta de *O Livro dos Espíritos* para depois fazer os seus comentários, de onde extraímos:

“A questão de justiça está sempre martelando a cabeça da humanidade. Não são poucos os que se sentem injustiçados, infelizes, deprimidos. E o sofisma espírita da justiça atrelada a reencarnação está como uma isca, uma verdadeira armadilha, pronto a capturar aquele que se sente injustiçado e que não encontrou respostas.”

Veja o leitor que o próprio autor reconhece que os que se sentem injustiçados, infelizes, deprimidos são aqueles que aceitam a reencarnação, porque não encontraram respostas; veja, ainda, que ele não mencionou para o que esses infelizes, deprimidos, injustiçados não encontraram respostas: justamente para o fato deles se sentirem injustiçados...

Ora, se eles encontraram respostas para as “injustiças” que sofrem, é porque eles veem lógica na reencarnação, comparada às “respostas” dadas pelos seguimentos religiosos ditos “cristãos”, mas que não apresentam uma explicação lógica para as menores indagações dos fiéis a respeito dos seus sofrimentos; apenas se limitam a dizer que cada um deve carregar a sua “cruz” como Jesus carregou a sua. E por falar em “cruz”, lembramos que em Mt 27,32; Mc 15,21 e Lc 23,27 a palavra de Deus diz que Simão, o Cireneu foi obrigado a carregar a cruz, enquanto em Jo 19,17 diz que foi Jesus quem a quis carregar; daí surge-me a pergunta: Qual das falas que nos está informando a verdade? Como Deus não mente (Nm 23,19), não pode haver divergência no que Ele nos diz, ainda que por intermédio dos seus escolhidos, pois a palavra de Deus não pode conter divergências; ou pode?!

Em seguida, ainda para justificar o seu entendimento contra a reencarnação, ele transcreve o seguinte texto de Jeremiah e Carlson:

“A reencarnação se propõem a afastar o temor da morte. A seguir, ela oferece uma *desculpa* para o *pecado*. Isso atrai muitas pessoas porque lhes permite continuar vivendo da maneira que querem, sem ter de tratar com o seu pecado e culpa diante de Deus. Por que você deve sentir-se pessoalmente responsável se terá oportunidade de viver de novo, tentando acertar as coisas? Por exemplo, se o reencarnacionista tem um estilo de vida imoral, ele não precisa enfrentar as

consequências porque a falta não é sua. É resultado de algo que aconteceu no passado, e esta pessoa está simplesmente vivendo seu carma.”(JEREMIAH & CARLSON. Invasão de Deuses Estranhos, p. 71.)

Desse texto podemos tirar as seguintes conclusões:

a) tanto o autor do artigo, quanto os do texto acima, entendem que o corpo é mais importante do que o espírito, pelo fato de dizerem “ele não precisa enfrentar as consequências porque a falta não é sua”, como se o espírito que reencarna fosse outro e não o mesmo de existências anteriores. Ou esses senhores não entenderam o “enredo do samba”, ou não entendem nada de Espiritismo, nem da sua própria religião, para poderem apresentar argumentos contrários aos postulados espíritas. Isso porque, pelo próprio modo de apresentar os seus argumentos, eles deram mais valor ao corpo, que é a vestimenta do espírito, do que ao espírito propriamente dito (alma), esquecendo-se de que “a carne para nada aproveita” (Jo 6,63); seria a mesma coisa que déssemos mais valor às nossas roupas do que ao nosso próprio corpo; não é?!

b) esquecem-se do livre arbítrio dado ao homem, por Deus; senão não haveria a necessidade da vinda de Jesus para nos trazer os seus ensinamentos para nossa evolução, em relação aos quais temos a opção de seguir ou não;

c) consideram o Criador menos inteligente do que a sua criatura, por só nos dar uma oportunidade nesse mundo, que é a escola do espírito, enquanto que a Sua criatura dá aos seus semelhantes uma escola que oferece a oportunidade de poder deixar matéria em recuperação e, até, de repetir o ano, como é dado aos alunos do ensino formal, que não conseguem nota suficiente em determinadas matérias ou não passam de ano.

A esse respeito pergunto: nesse caso, qual a doutrina mais lógica?:

1) a que aceita a reencarnação, que concede ao ser humano a oportunidade de voltar à mesma escola (mundo) para reparar o erro cometido (deixar matéria em recuperação, repetir de ano);

2) a que diz que se errou vai sofrer eternamente no inferno ou passar um tempinho no purgatório, até a nova vinda de Jesus, para ver se vai ficar à direita ou à esquerda no dia do julgamento; ou

3) a que diz que basta acreditar que Jesus Cristo morreu para nos salvar e poder ir gozar as delícias de um paraíso de ociosidade?

Em seguida, ele parte para criticar o que chama de carma, palavra não utilizada por Kardec, por conter, em seu bojo, a ideia do retorno do espírito a corpos de animais inferiores, contrariando o corolário espírita do progresso contínuo do espírito, ainda que lento. Será que, até nesse caso, o homem estará sendo mais inteligente e justo do que Deus, por não obrigar o aluno a retornar à série anterior nos seus estudos, enquanto Deus faria o espírito retornar a estágios anteriores ao da sua evolução?

Raciocínio lógico é o mínimo que se espera de uma pessoa que se declara estudiosa de um determinado assunto, o que parece não ter sido demonstrado aqui, pois, no entendimento do autor, a criatura estará sendo mais justa e misericordiosa do que o criador, ao conceder mais oportunidades de recuperação àquele que foi criado à sua semelhança...

Quanto à reencarnação encerrar uma ideia antropocêntrica, ele está esquecendo-se do livre arbítrio concedido por Deus ao homem, só interferindo até um determinado ponto de sua evolução espiritual, a exemplo de nós, seres humanos, em relação aos considerados incapazes e aos relativamente incapazes, como a lei humana assim os considera, para efeitos de aplicação de punições e correções, e os pais em relação aos seus filhos até estes atingirem a maior idade. Ora,

nesse caso, a criatura sobrepujou o Criador em termos de justiça e misericórdia?! Espero que o leitor tenha uma resposta...

Ainda nesse tópico, o autor, contestando a reencarnação e tentando induzir os leitores a um raciocínio tendente ao entendimento imposto pelas demais religiões autodenominadas de cristãs, no sentido da existência física do inferno e do paraíso, diz:

“Falando em condenação, os espíritos afirmam no Livro dos Espíritos, pergunta 1012, que o inferno e o paraíso não são lugares, mas sim estados, meras figuras. Perguntamos então: o Cristianismo e Espiritismo ensinam a mesma coisa?”

Em resposta a essa pergunta, dizemos: sob esse ângulo o autor até pode ter razão; entretanto, se o leitor prestar atenção ao que ele diz, verificará que houve uma deturpação no que está escrito na referida questão 1012 e suas respectivas respostas, do seguinte teor:

“1012. *Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seus merecimentos?*”

Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma ou outra coisa. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam.”

Diz a outra pergunta dessa mesma questão:

— *De acordo, então, com o que vindes de dizer, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?*

“São simples alegorias: por toda parte há Espíritos ditosos e inditosos. Entretanto, conforme também já dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia; mas podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos.”

Veja o leitor que as perguntas e as respectivas respostas referem-se à existência, ou não, de um lugar circunscrito, ou seja, um lugar determinado para cumprimento das penas ou usufruto dos gozos inerentes ao grau de perfeição de cada espírito. Mas isso não quer dizer que, por não existir um lugar circunscrito (espaço físico determinado), o espírito não tenha uma faixa de atuação para ele, a exemplo da existente aqui no plano físico como o médico, o advogado etc, têm para o exercício de suas funções (direitos e obrigações).

Diz ele, ainda em relação a esse tópico:

“Por fim, alegam os espíritas que através da reencarnação a humanidade está evoluindo, e só pela reencarnação se explica o mal e a justiça, ligados à moral e o amor.”

Como aqui ele só disse alguma coisa sem demonstrar seu entendimento sobre o que ele disse, não tenho sobre o que me pronunciar a respeito.

BASE FRÁGIL

Ainda na tentativa de combater a reencarnação diz:

“O edifício espírita está mal alicerçado. Na verdade, o prédio só poderia estar forte se estivesse edificado em Jesus Cristo, a pedra de esquina (Atos 4.11; 1 Pedro 2.7). Desta forma, a suposta justiça que o espiritismo prega não resolve o problema, apenas posterga. Não dá um fim a injustiça, mas apenas a descarta. Vejamos:”

Com relação à afirmação dele de que:

“o prédio só poderia estar forte se estivesse edificado em Jesus Cristo, a pedra de esquina”,

citando passagens constantes em Atos 4,11 e 1Pedro 2,7, no sentido de combater a reencarnação, e dizendo que:

“a suposta justiça que o espiritismo prega não resolve o problema, apenas posterga. Não dá um fim a injustiça, mas apenas a descarta”,

digo que a reencarnação descarta a injustiça da mesma forma que a pena proposta pelo autor para o seu cristianismo paulino; por que digo isso? Simplesmente porque a doutrina desenvolvida por Paulo teve a finalidade de dar uma nova roupagem religiosa aos ensinamentos de Jesus, visando atrair primeiramente os hebreus para cumprimento desses Seus ensinamentos, indo ao ponto de associar a morte Dele na cruz ao sacrifício do cordeiro, como forma de perdão dos pecados cometidos, bem como, ao de introduzir a cultura da aceitação do sofrimento, com base no suportado por Jesus na cruz, como um dos caminhos para nossa salvação; assim, uma vez convencidos os hebreus, de onde Jesus é originário, ficaria mais fácil convencer os gentios e pagãos, em relação à nova doutrina, que veio receber o nome de Cristianismo; entretanto, para retirar a conotação de uma morte sacrificial de um ser humano, semelhante aos sacrifícios pagãos, porque os do judaísmo eram apenas com animais, divulgaram-na como um ato de auto-oferecimento por parte Dele, Jesus.

Continuando na sua tentativa de demonstrar a “incoerência” da reencarnação, destaca ele:

“1. Sofrimento de crianças

Seria justo, Deus, permitir que crianças padeçam por conta de pecados, crimes, maldades que cometeram em vidas anteriores e que nem elas mesmas se lembram? Existe justiça e razão? Neste caso, o réu não tem a menor consciência de que está pagando uma dívida de uma existência anterior pelo sofrimento, e o juiz se utilizando da ferramenta de justiça kardecista, não passa de um tirano.”

Como o autor pergunta se existe justiça e razão para que crianças padeçam por conta de pecados, crimes maldades que cometeram em vidas anteriores e que nem se lembram, pergunto:

Qual a diferença entre essa situação por ele aqui proposta, em que a criança é reencarnação de um espírito que, em uma vida anterior, cometeu crimes, maldades, e a de uma criança que padeça, sem nunca ter reencarnado? Em função disso pergunto?: é mais justo sofrer para pagar pelo próprio erro, mesmo não se lembrando dele, ou sofrer sem ter erro a pagar? Agora, será que podemos deduzir que foi por isso que foi criada a lenda do pecado original (e põe original nisso), cometido por Adão e Eva, que estamos pagando até hoje?

Em virtude dessa indagação, surgiu-me outra: será que em relação ao erro a criatura tem o seu senso de justiça mais acurado do que o do Criador, ao estabelecer em suas leis que a pena relativa a um crime não ultrapassa a pessoa de quem o cometeu?

Respondo: Na situação proposta pelo autor (mas que não concorda com ela), o espírito sabe o porquê dele estar sofrendo nesse novo corpo, o que justifica ele estar padecendo, em obediência a uma lei divina, esquecida por muita gente, mas que trata da reconciliação com o adversário e que diz: “não sairás dali enquanto não pagares o último ceitil” (Mt 5,26 e Lc 12,59).

Ora, qual é a forma de pagar os crimes e maldades?: Justamente reencarnando em família (pai, filho, marido, mulher e outras mais como, chefe, patrão etc; ou, por exemplo, passando pelas mesmas situações impostas a outrem, como vir mutilado, justamente para sentir na pele o que ele causou a outrem em uma encarnação anterior. Cito apenas um exemplo bíblico, embora os líderes religiosos digam ao contrário às suas ovelhas, para manter o *status quo*:

Elias e João [Elias que deve vir] (Mt 11,14), em que Elias degolou 450 profetas de Baal, no ribeiro do Quison (1Rs 18,40), e João, que morreu degolado (Mt 14,10; Mc 6:27 e Lc 9,9).

Continua ele;

“2. Origem dos males ou dívidas

Segundo o espiritismo, todo espírito é criado ignorante, ou seja, sem disposição a cometer o bem ou o mal. Segundo os reencarnacionistas, se uma pessoa está passando por lutas, é resultado de um mal cometido em vidas anteriores. Seguindo este raciocínio, apresento o seguinte esquema proposto por Geisler e Amano [8]:

Mal > Causa1 > Causa2 > Causa3 > etc.

Em outras palavras:

Criança nasce sem braços < Vida pregressa em que batia nas pessoas < Vida pregressa em que tinha mau gênio < etc.

Enfim, se uma pessoa regredir até a sua primeira encarnação, sua criação, não irá encontrar a origem do problema ou onde ocorreu a origem do mal a qual tal pessoa é afligida e que insiste em perdurar com uma dívida a ser quitada. Onde se deu a origem dos problemas se todos fomos criados ignorantes? Onde ocorreu o “primeiro mal”? Não existe razão em crer nesta doutrina de Kardec.”

Nesse tópico, ele esquece-se de um detalhe muito importante, que é o livre arbítrio concedido por Deus a todos nós, como espírito que somos, o que nos dá o direito de escolha das atitudes, em decorrência do qual (direito de escolha) recebemos o prêmio ou o castigo, em troca dessas nossas atitudes. Veja o leitor que até a lei humana prevê esse tipo de “contabilidade” de procedimento: procedeu bem, passa de ano; procedeu mal, fica em recuperação ou não vai para a série seguinte, princípio esse que rege a lei da reencarnação, ou seja, não cumpriu alguma matéria, volta para repeti-la.

É importante esclarecer que o objetivo da reencarnação é o progresso moral e intelectual do espírito, e não “pagar” pelos erros, embora sejam eles “pagos” nas novas oportunidade que o ser humano recebe para reconciliar-se com as leis divinas.

Ainda para combater a base do Espiritismo, denominando-a de “Base Frágil”, toma um exemplo, baseando-se no CARMA, em que ele expõe:

“3. Compaixão

Ajudar as pessoas é uma característica marcante dentro do Kardecismo, afinal os seguidores destes ensinamentos creem que “fora da caridade não há salvação”, mas estaria a caridade espírita funcionando de acordo com as leis do próprio espiritismo? Vejamos o seguinte modelo:

A. Se José ajuda a Pedro com alimentos, já que este padece pela fome, o maior interessado em matar a fome de Pedro é o próprio José, pois com sua boa ação está expurgando os males cometidos em vidas passadas, pagando assim sua dívida cármica e desta forma estará evoluindo e melhorando sua perspectiva para uma próxima existência;

B. Pedro está passando fome, pois foi um mau espírito na vida anterior. Se José o ajuda com alimentos, está prejudicando o pagamento da dívida cármica que o próprio Pedro contraiu sendo mau. Logo, se Pedro desencarna após ser amparado, ele não quitou a sua dívida, e deve retornar para pagá-las, passando por novas lutas, novos sofrimentos, até que não haja mais débitos. É esta também a posição de Geisler e Amano sobre o assunto:

“De acordo com a doutrina da reencarnação, a lei do carma é inquebrável. Exige que a presente vida seja o pagamento da vida anterior da pessoa. Por isso, as pessoas desprezadas, oprimidas ou imersas em trevas estão nessa situação por necessidade. Não há, na verdade, que se possa fazer em prol delas. Qualquer tentativa no sentido de ajudá-las só vai perturbar-lhes o carma e só adiará sua agonia para uma próxima vida em que, por fim, pagarão seu débito cármico de qualquer maneira.”

Nesse tópico o autor, no afã de combater a reencarnação, utilizando-se da lei do carma, esqueceu-se da lei do amor, que é a base da Doutrina Cristã, e não da religião protestante ou católica, lei essa sintetizada na parábola do bom samaritano, descrita em Lucas 10,25-37, em relação à qual peço a atenção para o que é dito no verso 33: “Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;” (grifei) veja o leitor que nesse verso o escritor bíblico usa a mesma palavra para justificar o amor ao próximo (compaixão), que o autor utilizou para tentar confirmar o seu ponto de vista contra o carma, ou seja, não devemos usar da compaixão para com o próximo, ajudando-o, pois, no ponto de vista dele, iremos contrariar a lei do carma.

Aí pergunto: podemos contrariar a lei de Deus para não contrariar a lei do carma?

Ora, estimado leitor, e meu caro autor, é um erro considerar que a lei do carma só se aplica para punir, já que ela é de aplicação bivalente, ou seja, tanto se aplica para punir (corrigir) como para premiar; melhor dizendo: plantou boa semente e a cultivou bem, colher-se-ão bons frutos (vai para o paraíso); plantou má semente e não a cultivou bem, colher-se-ão maus frutos (vai para o inferno), princípio esse que decorre da lei de causa e efeito, comumente chamada de lei do carma e que muitos, para confundir seus seguidores, a divulgam como sendo de aplicação só para punir. Se assim fosse, na concepção do autor só existiria o inferno.

Ademais é bom ressaltar que ninguém sabe se o “carma” de uma pessoa está previsto para acabar justamente pelo exemplo da nossa boa ação... É por isso que devemos ajudar a todos que necessitam.

“4. Evolução moral

Após centenas e até milhares de anos, onde os espíritos estão passando por inúmeras encarnações, evoluindo então, até se purificarem por completo, se pressupõem que a humanidade está melhorando, e de fato, evoluindo. Mas temos verdadeiramente presenciado uma evolução moral na humanidade? Homicídios, ódio, crueldade, imoralidade, racismo, barbáries, estupro, ganância. Palavras que estão presentes no dia-a-dia das pessoas e que ganharam proporções jamais imaginadas até então. É racional crer que a reencarnação está levando a humanidade à evolução moral? Para os cristãos, toda a lamentável condição em que a humanidade se encontra se explica na Bíblia, que revela que

estamos vivendo o tempo do fim. Verdaderamente o amor da humanidade está esfriando (Mateus 24.12).”

Tenho certeza que eu, o leitor e o autor, todos nós sabemos que todas as religiões pregam que Deus, ou o nome que se Lhe queira dar, deseja o nosso progresso espiritual, sob pena de termos que responder pelo mal que fizemos; ora, e o bem não conta? É este que nos faz evoluir. Apenas como analogia, consideremos que a vida seja uma forma de aprendizado, já que todos nós, no início de nossas vidas (espiritual ou física), nascemos simples e ignorantes e vamos evoluindo à medida em que vamos aprendendo, seja no âmbito intelectual, seja no âmbito moral.

Quanto ao questionamento do autor de que a violência, a crueldade, a imoralidade, o racismo e outras espécies de desvio de caráter do ser humano, pretendendo, com isso, dizer que a reencarnação não está levando a humanidade à evolução moral, e vincular essa situação ao “final dos tempos” bíblico, lembro que, se está havendo o crescimento desses atos de desvio de caráter, podemos muito bem aventar a hipótese de que o culpado disso tudo é Deus, pois, de acordo com o ponto de vista da religião do autor e do catolicismo, ditas e tidas como as únicas cristãs, Deus cria os espíritos no momento da concepção; nesse caso, a única dedução a que se pode chegar é de que Deus, nos últimos tempos, em relação aos espíritos, está criando espíritos maus, na sua maioria; ou não está tendo condições de controlar o demônio para evitar que este leve-nos para o inferno.

Portanto, não é a Doutrina Espírita que está acarretando isso com a sua concepção de reencarnação, já que reencarnação é efeito e não causa, pois ela não cria espíritos, atividade essa privativa de Deus; ou não?! Consequentemente, o autor terá que arranjar outro argumento para combater a reencarnação, porque esse não está correto.

Quanto à dúvida do autor a respeito da evolução moral da sociedade, é bom lembrar que não é culpa da reencarnação, mas, sim, das lideranças religiosas ditas cristãs, que vivem pregando um Je\$u\$ diferente daquele de antanho; é só ver as “igrejas” ditas de Jesus, onde o que mais se vê é justamente o contrário, isto é, ao invés de pregar a humildade, os seus líderes dão, a toda hora, demonstrações de arrogância, no sentido de que só a sua igreja é a verdadeira de Jesus; sem contar os acintosos sinais exteriores de riqueza demonstrados por esses “líderes”, enquanto os seus incautos fiéis tiram o dinheirinho do pão dos seus filhos para pagar o famigerado dízimo que sustenta tais “líderes”.

Ainda com relação à questionada evolução do homem, fazemos a seguinte indagação: o leitor já atentou (inclusive o autor) para a quantidade da população e dos meios de comunicação e a quantidade das entidades filantrópicas existentes no tempo de Jesus? Agora, procure estabelecer uma proporcionalidade dessas atividades naquela época, e a compare com a das existentes hoje... Após, veja se o homem de hoje se preocupa menos com os necessitados do que o de antigamente... O leitor e o autor já notaram que, atualmente, os meios de comunicação dão preferência às notícias ruins e não às boas, o que dá a impressão de que o que é ruim aumentou? Notaram, também, que a sociedade como um todo, atualmente, está mais solidária com os mais necessitados, do que há vinte anos? Isso, para não ir muito longe... Vejam só a quantidade de campanhas de solidariedade hoje em andamento... Existia tudo isso há vinte anos?... Sem falar nos espíritos evoluídos que estão encarnados por aí, anonimamente ou não, pesquisando e desenvolvendo equipamentos para salvar vidas, como os de diagnóstico precoce de doenças ainda não perceptíveis aos olhos dos médicos, vacinas, remédios, meios de transporte mais seguros e eficientes, novos tipos de equipamentos e formas de comunicação como a internet, que o próprio autor, e eu, estamos usando; aparelhos que melhoram a qualidade de vida do ser humano; trabalhando como voluntários em entidades filantrópicas ou dirigindo-as graciosamente, etc; ou o autor acha que todos são fabricantes de armas, traficantes, políticos, dirigentes de algumas

denominações religiosas que exploram os incautos, mediante a pregação de um deus que só enriquece esses dirigentes? Veja que todos os que mencionei são intelectualmente evoluídos; com uma diferença, apenas: alguns são moral e intelectualmente evoluídos; outros, só intelectualmente. Nesse ponto, acredito que o leitor e o próprio autor, sejam capazes de separar o joio do trigo, conforme nos fala a Bíblia.

FALANDO EM BÍBLIA

“A astúcia do espiritismo atinge níveis que fogem totalmente a razão e o bom senso. Justamente o Kardecismo, que de maneira soberba, classifica-se como uma crença baseada em fatos científicos e racionais, utiliza-se da Bíblia Sagrada de maneira pervertida, ocultando contextos e contradizendo suas frágeis crenças. Muito já se escreveu refutando as crenças kardecistas que tentam usar a Bíblia como muletas, mas isso não nos impede de mais uma vez trazer a verdade à tona. Vejamos as passagens preferidas dos kardecistas “cristãos”.

Aqui o autor fala que o Kardecismo se utiliza da “Bíblia de maneira pervertida, ocultando o contexto e contradizendo suas frágeis crenças”, esquecendo-se de que quem se utiliza, no caso, de forma pervertida é justamente ele ao pretender deturpar o que está escrito na “palavra de Deus”, conforme o leitor verá na sequência.

Diz ele em relação a:

João Batista e Elias

“Para tentar convencer que a Bíblia apoia e valida a reencarnação, os kardecistas tem usado textos referentes a João Batista e Elias. Os textos preferidos pelos espíritas são os seguintes:” Malaquias 4.5, Mateus 11.11,14 e Mateus 17.10-13.

Esclareço que apenas os estou citando, dispensando-me de transcrever os respectivos textos, por enquanto, para não cansar o leitor, já que vou analisá-los mais adiante.

Diz o autor:

“A riqueza da Bíblia Sagrada é que ela mesma se interpreta. Não é possível juntar meia dúzia de textos fora do contexto da mensagem – e do contexto completo da Bíblia – e formar doutrinas espúrias. Kardec não sabia disso, e por isso afirmou em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. IV, 11:

“Se o princípio da reencarnação, expresso em São João, podia, a rigor, ser interpretado num sentido puramente místico, não podia suceder o mesmo nesta passagem de São Mateus, que é inequívoca: é ELE MESMO o Elias que deve vir; não há, aí, nem figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva.”

Fica muito evidente através desta citação que Allan Kardec afirma que João Batista é a reencarnação de Elias. No entanto, a Bíblia não dá margem para este tipo de interpretação. Vamos aos fatos:

1) Reza o Livro dos Espíritos, questão 150:

P – Como a alma constata a sua individualidade, uma vez que não tem mais seu corpo material?

R – Ela tem ainda um fluído que lhe é próprio, tomado da atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.

Na ocasião da transfiguração de Jesus, registrada em Mateus 17.3, observamos que o Senhor conversou com Elias e também com Moisés. Neste momento da história, a Bíblia registra que João Batista, supostamente a reencarnação de Elias (como afirmam os kardecistas), já se encontrava morto, já que havia sido decapitada (*sic*) por ordem de Herodes, conforme Mateus 14.10.

Entende-se com base na questão 150 do Livro dos Espíritos, transcrita acima, que quem deveria aparecer ali era João Batista, e não Elias. Fica evidente que Kardec não soube examinar o contexto profundamente antes de criar esta tese."

Aqui, com base apenas na questão nº 150 de *O Livro dos Espíritos*, o autor afirma que "Kardec não soube examinar o contexto profundamente antes de criar esta tese" [reencarnação], o que nos faz refletir sobre quem realmente não examinou o contexto profundamente: se o autor ou Kardec. Isso porque o autor não se aprofundou no estudo da reencarnação ou dos tópicos a ela relativos nos livros básicos da doutrina a que ele, autor, se propôs desmascarar.

Veja o leitor o que diz Kardec no segundo parágrafo do nº 102 do Capítulo VI de "*O Livro dos Médiuns*":

"Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. Assim, embora como Espírito nenhum defeito corpóreo tenha, ele se mostrará estropeado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário à prova da sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; porém, se o evocarem como Esopo, ainda que muitas existências tenha tido depois da em que assim se chamou, ele aparecerá feio e corcunda, com os seus trajes tradicionais." (grifei)

Portanto, para nós, espíritas, essa colocação, desculpe-me, não tem razão de ser, por demonstrar falta de conhecimento dos postulados espíritas, que os não reencarnacionistas insistem em combater a reencarnação sem conhecimento, ou por absoluta má-fé.

E depois vem o autor falar que:

"A astúcia do espiritismo atinge níveis que fogem totalmente a razão e o bom senso." (*sic*)...

Agora, vamos às citações do autor, relativas a Malaquias 4.5, Mateus 11.11,14 e Mateus 17.10-13 segundas cada dos respectivos comentários:

Malaquias 4,5: "*Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR;*"

Vejam o leitor e o autor, que nesse versículo Deus menciona o nome de quem Ele vai enviar: o profeta Elias, e não um profeta qualquer; notaram?!

Já com relação ao texto de Mateus, considerando que o autor fala que o Kardecismo, "de maneira soberba, classifica-se como uma crença baseada em fatos científicos e racionais, utiliza-se da Bíblia de maneira perversa, ocultando o contexto e contradizendo suas frágeis crenças", tomo a liberdade de transcrever os versículos 7 a 10 do Capítulo 11 de Mateus, a fim de que o leitor se inteire do contexto relativo à passagem que descreve os fatos acontecidos após a resposta de Jesus aos enviados de João Batista, que Lhe perguntaram se Ele era o que havia de vir (Elias) tendo Jesus dito que não; eis a passagem: ⁷ E, partindo eles, começou Jesus a dizer às turbas a respeito de João: Que fostes ver no deserto? *Uma cana agitada pelo vento?* ⁸ Sim, que fostes ver? *Um homem ricamente vestido?* Os que se trajam ricamente estão nas casas dos reis. ⁹ Mas, então, que

fostes ver? *Um profeta?* Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta; ¹⁰ porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho.”, o que demonstra que João Batista é o profeta a que se referem as “profecias” do AT, a respeito da vinda de Jesus.

Fiz essa transcrição apenas para mostrar ao leitor quem está escamoteando texto para tentar descaracterizar o contexto, contexto esse que se completa com Mateus 11,11-14, que diz: “11 Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele. 12 E, desde os dias de João o Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele. 13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir.”

Além desse tipo de atitude, o autor ainda tomou outra, que foi a omissão de parte do verso 11 e de todo o texto dos versos 12 e 13; certamente tentando evitar que o leitor veja no 13 que Jesus diz aos apóstolos, com todas as letras que João é o Elias que viria.

Aqui, nesta passagem de Mateus, Jesus diz que João é o Elias que havia de vir, o que não deixa margem de entendimento diverso do que Jesus disse: João é Elias. E Ele foi bem enfático em afirmar isso ao complementar no versículo 15: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” Ou seja, só não entende quem não quiser entender.

Mateus 17.10-13: “10 E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro? 11 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; 12 Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. 13 Então entenderam os discípulos que lhes falara de João o Batista.”

Já nesta passagem, Jesus confirma que João é Elias, ao dizer que Elias já veio e não o conheceram. Mas, o mais importante nesta passagem, além da confirmação de Jesus, é o fato de que os discípulos (pelo menos Pedro, Tiago e João) tinham conhecimento da reencarnação, como se vê da pergunta que eles fizeram a Jesus e do fato deles terem compreendido que Jesus lhes falava de João Batista. E mais: veja o leitor que os discípulos falam em vir, o que significa que, para se ter que “vir”, é necessário ter-se ido, o que leva à dedução de que Elias já havia ido para a dimensão espiritual; e para ir para lá só há uma maneira: desencarnar (morrer). Ou ainda se vai negar?! Portanto, ainda que se queira insistir, não cabe o famoso chavão de que João veio com a função ou missão de Elias, como os antirreencarnacionistas alegam, porque, nesse caso, estar-se-á afirmando que Deus nos enganou, já que disse que mandaria o profeta Elias e nos teria mandado outro profeta, e que Jesus nos mentiu ao afirmar, e confirmar, que João é Elias, quando, de acordo com o entendimento dos antirreencarnacionistas em geral, e do autor, em particular, não seria. Nesse caso, podemos dizer que Deus nos enganou e que Jesus nos mentiu? Claro que não! Então, só nos resta a conclusão de que João é Elias, ainda que se tente alegar que a Bíblia é inerrante. Em função disso, pergunto: Se a bíblia não erra, então Deus nos enganou e Jesus nos mentiu?! Deixo a cargo de o leitor dizer com quem está a razão...

“2) A doutrina espírita entende que a reencarnação é a volta da alma ou espírito à vida corpórea, entretanto, num novo corpo que nada tem a ver com o antigo.”

Aqui, o autor, no intuito de negar a reencarnação, apresenta um argumento de principiante e materialista; por que digo isso? Simplesmente porque, a guisa de apresentar um

argumento de cunho espiritual, ele apresenta um tipicamente materialista, pois ele atribui ao corpo a mesma importância que ao espírito, sem atentar para o fato de que o corpo, por ser matéria (carne), está sujeito a decomposição, enquanto o espírito subsiste após a morte do corpo. Assim, como o corpo se decompõe, não há que se estranhar o fato do novo corpo, nada ter a ver com o antigo, dando o autor a entender que o novo corpo não pode “pagar” pelo que o espírito fez no corpo por ele utilizado em encarnação anterior; veja o leitor que o autor se trai no seu raciocínio, pois fala em “novo corpo que nada tem a ver com o antigo”, enquanto se refere ao mesmo espírito; além disso, esse raciocínio peca pelo princípio, porque o corpo não pratica ação nenhuma, pois ele não tem vontade própria, qualidade essa atribuída unicamente ao espírito, que é o possuidor (condutor) do corpo. Seria a mesma coisa, mal comparando, que eu empurrasse alguém em um poço de lama, estando eu com uma calça de cor azul e, no dia seguinte, esse alguém me quisesse “dar o troco” e eu lhe dissesse que ele não poderia fazer isso comigo porque eu estava com uma calça de cor verde, que não tinha nada a ver com o fato acontecido no dia anterior, quando eu estava com uma calça azul. Agora, suponha que o autor fosse esse alguém e pergunte o que ele diria para mim, nessa situação, para ver se ele não diria que a calça não tem nada a ver com isso, porque fui eu que o empurrei no poço de lama e não a calça?... Será que o leitor também não diria o mesmo, e com razão?! Logo, esse argumento é muito fraco para tentar combater a reencarnação, já que o corpo é um mero instrumento do espírito; ou não?

Desculpe-me o leitor pela pergunta irreverente que vou fazer:

Será que foi por causa desse tipo de analogia entre o ponto de vista aqui exposto pelo autor e esse meu exemplo que nasceu o ditado: “O que “aquela” parte do corpo tem a ver com as calças?”

Em seguida diz o autor:

“Está claro que segundo o entendimento dos kardecistas, para um espírito voltar à vida corpórea, é necessário que o mesmo desencarne, ou seja, morra. Mas sabemos que Elias não conheceu a morte, pois Deus o trasladou ao céu, conforme 2 Reis 2.11.

Se Elias não morreu (não desencarnou), como pode o kardecismo defender que ele reencarnou através de João Batista?”

Com relação a essas palavras do autor e considerando que ele diz que é preciso analisar texto e contexto e que a Bíblia, ela mesma, se interpreta, continuei lendo na sequência do relato do ocorrido no versículo 11 com Elias e verifiquei, no versículo 16, do mesmo capítulo 2, de 2Rs, que lá é dito: “...pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançado nalgum monte, ou nalgum vale.” (destaquei)

Logo, pelo texto e contexto, que tanto o autor apregoa usar (mas não usou aqui), o leitor verá que, à época em que aconteceram os fatos lá narrados, a palavra *arrebatamento* identificava um fenômeno em que a pessoa, que era objeto dele, sempre era levada para um local ermo (certamente para meditar e lá ficar até o final da sua vida na terra, final esse que, talvez, já devesse estar próximo). E Jesus também foi objeto de um “arrebatamento” (embora Ele tenha reaparecido porque ainda não havia chegado o seu tempo), conforme consta em Mateus 4,1 - “Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo.” Semelhantemente consta em Marcos 1,12-13. Portanto, os judeus criam que o *arrebatamento* sempre era efetuado por um espírito, tendo esse fato acontecido até com Jesus. Isso para confirmar que o *arrebatamento* sempre foi entendido como o fato de levar alguém a algum local ermo e (acrescento) imediatamente; ou será que, por ter ocorrido com Jesus, esse fenômeno não foi um “arrebatamento”? Se não foi um arrebatamento, por que Deus iria permitir a utilização

desse fenômeno com duas finalidades diferentes: uma para levar ao céu e outra para levar a algum lugar aqui na terra?

E mais: qual o meio mais rápido de se ser trasladado de um lugar a outro senão pelo espaço? E isso é tão óbvio que até os seguidores de Eliseu entenderam que não era o céu, no sentido da morada de Deus, que falaram para ele, Eliseu, mandar 50 de seus servos irem procurar Elias, conforme 2Reis 2,16; caso o autor não acredite no que estou dizendo leia lá e verá...

Ainda quanto à morte: pelo que me consta, Deus jamais criou alguma coisa inútil ou injusta, pois até seu filho unigênito não escapou dela. Assim, alegar que outros teriam dela escapado, como o autor pretende em relação a Elias, é querer trazer Deus ao baixo nível dos humanos; além disso, se Elias não morreu, Deus contrariou a si próprio, pois Ele mesmo diz em Gênesis 6,3 que a vida do homem será de cento e vinte anos; não é?! E não vale alegar, também, que são "mistérios de Deus" ou que Deus tudo pode, até contrariar as suas determinações; nesse caso, é de se perguntar: onde fica a Sua perfeição se tem que se desmentir ao ter que tomar atitudes contrariando ao que disse antes?... E como Ele fica em relação ao que é dito em Números 23,19: "Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; *porventura*, diria *ele* e não *o* faria? Ou falaria e não o confirmaria?"?! E o que consta em Gn 3,19, "Você é pó, e ao pó voltará", não se cumpriu com relação a Elias?...

Para confirmar que após algum tempo da morte o espírito retorna em outro corpo, relembro LUCAS 9,7-8: "7 Ora, o tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava, e ficou muito perplexo, porque diziam uns: João ressuscitou dos mortos; 8 outros: Elias apareceu; e outros: Um dos antigos profetas se levantou". Como se vê, repita-se, os hebreus sempre entenderam dessa maneira. Tanto que uns diziam: João ressuscitou dos mortos; outros que Jesus era um dos antigos profetas que se levantou; e levantar, em relação aos antigos profetas, era sinônimo de ressuscitar e ressuscitar era retornar da morada dos mortos. Logo, não vale essa de que Elias não morreu e que João não é Elias reencarnado, pois em Mateus 11:14-15 está dito: "14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos, ouça"! E quem somos nós, eu, o autor, o leitor e todos os evangélicos e os não-evangélicos, para contestar a palavra de Deus?... Não é mesmo? Além disso, se Deus desejasse mostrar que a vinda de Elias tivesse o significado que o autor entende que os hebreus davam à palavra ressuscitação não teria mandado ZACARIAS dar ao filho o nome de JOÃO, mas sim de Elias; não teria sido mais simples? Entretanto, como Deus quis demonstrar que Elias realmente voltou, com o mesmo significado de sempre e que hoje tem o nome de reencarnação, mandou Zacarias dar ao filho dele, Zacarias, o nome de João, e não o de Elias. Tanto assim foi, que confirma esse fato através de Jesus, em Mateus 11:14-15, conforme transcrito linhas atrás. E foi muito fácil chegar a esse entendimento; bastou-me seguir o conselho do autor de analisar o texto e o contexto relativos aos fatos aqui mencionados. E aqui também apliquei o a Bíblia interpreta a si própria, porque me foi suficiente utilizar o processo dedutivo direto de entendimento do que lá está escrito, isto é, João é Elias, porque Jesus diz que João é Elias! Podemos duvidar de Jesus?

Diz o autor:

"4) Por fim, refutando por completo a equivocada interpretação espírita, mostramos que a Bíblia diz a respeito do ministério de João Batista e Elias, e como estes homens de Deus tiveram feitos paralelos.

Quando Jesus disse que Elias já veio (Mateus 17.12) e que ele é o Elias que havia de vir (Mateus 11.14), falava da virtude e do paralelo ministerial de João e Elias. Vejamos:"

Após isso ele passa a estabelecer semelhanças entre João Batista e Elias, tentando demonstrar que a semelhança entre os dois foi de ministérios, destacando as seguintes:

- a) João e Elias viveram no deserto;
- b) Ambos repreenderam autoridades – Elias a Acabe e João a Herodes;
- c) Ambos sofreram perseguições – Elias por Jezabel e João por Herodias

e complementa:

“Fica evidente que tentar utilizar a vida e obra de Elias e João Batista, bem como as palavras de Jesus sobre o assunto, tentando provar que a Bíblia aprova ou ensina sobre a reencarnação é um grande absurdo.”

Embora concorde com essa lista de semelhanças concordantes entre os ministérios dos dois, peço a atenção do leitor para uma que vou apresentar, que chamo de semelhança inversa, contrariando o entendimento do autor a respeito das leis da reencarnação e do carma:

Elias matou degolando os profetas de Baal, conforme 1Reis 18,40 que diz: ...Elias fê-los descer para perto da torrente do Quisom e lá os degolou.”

Já João morreu degolado. Tudo isso em obediência à lei do “olho por olho”, ainda vigente à época de João; não é “muita coincidência” ela ter vigorado até João, para que Elias apagasse o seu carma, em um novo corpo, o de João?... Será que foi só uma mera coincidência?!

Em seguida, o autor passa a analisar a passagem de Saul com a pitonisa de En-Dor, assunto que foge ao tema reencarnação, que não pretendo abordar aqui justamente para não cansar o leitor, com leitura fora do contexto reencarnação. Entretanto, se o leitor tiver interesse sobre essa passagem, sugiro ler um artigo sobre ela em http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_O_caso_de_Saul_e_a feiticeira_de_En-Dor.pdf.

Vamos ao tópico seguinte do livro:

SALVAÇÃO E RESSURREIÇÃO: A VERDADE BÍBLICA ABSOLUTA

O autor começa esse tópico dizendo:

“Observamos no início deste estudo que Kardec disse que o espiritismo e cristianismo ensinam a mesma coisa. Também analisamos a crença espírita na reencarnação e concluímos que ela nada tem de cristã.

A esperança cristã repousa na ressurreição e na salvação que aquele que crê em Jesus e O tem como Senhor e Salvador receberá no grande dia.

Então, qual a opinião do kardecismo quanto à ressurreição? Diz o Livro dos Espíritos:

Pergunta 1010: – O dogma da ressurreição da carne, é a do da reencarnação, ensinada pelos espíritos?

Resposta: – Como quereis que seja de outro modo? Essas palavras, como tantas outras, não parecem insensatas aos olhos de certas pessoas senão porque as tomam ao pé da letra, por isso, conduzem à incredulidade (...).”

Com relação a essa questão 1010, deve ser esclarecido que o teor completo da tradução original feita pelo Dr. Guillon Ribeiro, 76a. edição, da Federação Espírita Brasileira (pergunta e respectiva resposta) é o seguinte:

“1010. O dogma da ressurreição da carne será a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos?”

“Como quereríeis que fosse de outro modo? Conforme sucede com tantas outras, estas palavras só parecem despropositadas, no entender de algumas pessoas, porque as tomam ao pé da letra. Levam, por isso, à incredulidade.

Dai-lhes uma interpretação lógica e os que chamais livres pensadores as admitirão sem dificuldades, precisamente pela razão de que refletem. Por que, não vos enganeis, esses livres pensadores o que mais pedem e desejam é crer.

Têm, como os outros, ou, talvez, mais que os outros, a sede do futuro, mas não podem admitir o que a ciência desmente. A doutrina da pluralidade das existências é consentânea com a justiça de Deus; só ela explica o que, sem ela, é inexplicável. Como havíeis de pretender que o seu princípio não estivesse na própria religião?”

Se o leitor comparar a transcrição da pergunta e da respectiva resposta feita pelo autor, verá que a pergunta diverge do texto original e que a resposta foi transcrita parcialmente, faltando, justamente, os dois parágrafos que demonstram a lógica da reencarnação.

A exemplo do que fez na primeira parte dessa questão, ele transcreve parcialmente a resposta ao complemento da referida questão 1010, cujo teor é o seguinte:

P. – Assim a Igreja, pelo dogma da ressurreição da carne, ensina também ela mesma a doutrina da reencarnação?

R. – Isso é evidente. Essa doutrina, aliás, é a consequência de muitas coisas que passaram despercebidas e que não se tardará a compreender nesse sentido (...).

Eis o texto restante:

“Reconhecer-se-á em breve que o Espiritismo ressalta a cada passo do texto mesmo das Escrituras sagradas. Os Espíritos, portanto, não vêm subverter a religião, como alguns o pretendem. Vêm, ao contrário, confirmá-la, sancioná-la por provas irrecusáveis. Como, porém, são chegados os tempos de não mais empregarem linguagem figurada, eles se exprimem sem alegorias e dão às coisas sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a qualquer interpretação falsa. Eis por que, daqui a algum tempo, muito maior será do que é hoje o número de pessoas sinceramente religiosas e crentes.”

Aqui cabe uma pergunta: será que foi justamente pela lógica do entendimento exposto que ele não transcreveu o restante, para que os seus leitores não possam ser convencidos da verdade contida no texto, de que a pessoa, para ser religiosa e crente, não precisa, obrigatoriamente, seguir um “guia”, que pode se arvorar a tal só porque fez alguns cursos sobre Bíblia, ou é bem falante?

Em seguida, o autor cita o Capítulo IV, item 4, sem sequer transcrever uma palavra nele contida, para justificar o seu entendimento contrário ao exposto por Kardec nesse item 4; o autor simplesmente diz que Kardec afirma “que a ressurreição é um acontecimento impossível de ocorrer.”

Para que os leitores não fiquem sem a devida informação, para tirar suas próprias conclusões, transcrevo por completo o texto a que ele se refere:

“4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte,

não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*.” (grifei)

Veja o leitor que Kardec disse que a ressurreição seria aplicável ao caso de Lázaro, mas não ao caso de Elias e de outros profetas, enquanto o autor dá uma informação errada de que Kardec tenha dito ser impossível a ressurreição; como se vê, há uma grande diferença entre dizer ser impossível a ressurreição e dizer em que hipóteses ela se aplica, citando a diferença entre ressurreição e reencarnação, em que a primeira é a volta do espírito à carne no mesmo corpo e que a reencarnação é a volta à carne, mas em outro corpo, como aconteceu com Elias ao voltar à carne no corpo de João.

Por que digo isso? Simplesmente porque, se Deus desejasse mostrar que a vinda de Elias tivesse o significado que o autor entende que os hebreus davam à palavra ressuscitação não teria mandado ZACARIAS dar ao filho o nome de JOÃO, mas, sim, de Elias; não teria sido mais simples?!

Agora, suponhamos a seguinte situação, partindo do princípio de que ninguém da época de Jesus tinha conhecimento das feições de Elias, e não houvesse notícia nenhuma a respeito do nascimento de João e de repente, como um ser normal qualquer, ele aparecesse dizendo: “Eu sou aquele que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías”, conforme consta em João 1,23; suponhamos, ainda que Jesus dissesse as mesmas palavras contidas em Mt 11,13-15; alguém seria capaz de dizer que aquele que apareceu dizendo essas palavras, ainda que se identificando como João, não seria o Elias que havia de vir, conforme disse Jesus?

Entretanto, como todo espírito para vir ao plano físico tem que passar pelas fases iniciais do desenvolvimento animal, Deus quis demonstrar que Elias realmente voltou, com o mesmo significado de sempre e que hoje tem o nome de reencarnação; por isso mandou Zacarias dar ao filho dele, Zacarias, o nome de João, e não o de Elias. Tanto assim foi, que confirma esse fato através de Jesus, em Mateus 11:14-15, conforme transcrito linhas atrás. E foi muito fácil chegar a esse entendimento. Bastou-me adotar a sugestão do autor de analisar o texto e o contexto relativos aos fatos aqui mencionados. E aqui, repito, também apliquei o a Bíblia ela mesma se interpreta, porque me foi suficiente utilizar o processo dedutivo direto de entendimento do que lá está escrito, isto é, João é Elias, porque Jesus diz que João é Elias! Podemos duvidar de Deus, que disse que mandaria Elias, e de Jesus, que confirmou que João era Elias? Será que, neste caso, vale mais a palavra do autor do que a de Deus e a do Seu enviado? Quem se achar dono da verdade que o diga; eu, não...

Em seguida, diz o autor:

“Em primeira instância, não podemos confundir os fatos. Temos na Bíblia exposições quanto a vida e morte, e nunca é demais repetir: a Bíblia não fala em reencarnação e não dá margem para esta espúria interpretação. Lembre-se leitor, se tentarem provar que as Sagradas Escrituras defendem a reencarnação, trata-se de manipulação e doutrina de demônios (1Timóteo 4.1).”

Como o autor apenas citou a epístola de Paulo a Timóteo para justificar o seu ponto de vista de que quem entender que a Bíblia defende a reencarnação estará manipulando e defendendo doutrina de demônios, entendo mais lógico, para evitar pesquisa por parte do leitor, trazer ao seu conhecimento o texto do referido verso 1, acrescido do 2, onde consta: “1 - Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, 2 - pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência”; veja, caro leitor, que a advertência contida nessa epístola de Paulo apenas alerta para a hipótese em que se dê ouvidos aos espíritos enganadores e às suas doutrinas, independentemente a que seguimento religioso pertença o fiel; assim, essa advertência tanto vale para quem é espírita quanto para quem não é; basta que aceite as inspirações dadas pelos espíritos enganadores, para estar abrangido pela advertência de Paulo, incluindo aqueles que, hipocritamente, se consideram como os únicos inspirados por Deus e outros, menos hipócritas, inspirados pelo Espírito Santo; ou o autor acha que não existe hipocrisia nos meios ditos cristãos?! É nessa atitude que cabe a expressão “tendo cauterizada a sua própria consciência”.

Por outro lado, se não devemos aceitar a crença na reencarnação por essa palavra não estar na Bíblia, do mesmo modo podemos dizer da Trindade, que também não consta da Bíblia; mas é provável que o autor (e muitos leitores) acreditem nela, ainda adjetivada de “santíssima”.

Ainda na defesa do seu ponto de vista contra a reencarnação ele transcreve do Dicionário Bíblico Universal de Buckland e Williams [10]: (Dicionário Bíblico Universal, p. 378).

“A ressurreição dos mortos, como é compreendida nas Sagradas Escrituras, deve-se distinguir da ressuscitação, ou restabelecimento da ordinária vida humana. A ressuscitação é a restauração da vida que se deixou. Ressurreição é a entrada num novo estágio de existência.”

Em seguida, o autor cita várias passagens bíblicas do AT e do NT e afirma que:

“O retorno dessas pessoas à vida é uma prova de que a reencarnação não possui respaldo bíblico. Estes casos, porém, demonstram a ressuscitação, ou seja, os mortos voltaram a vida e posteriormente enfrentaram a morte novamente.”

Veja o leitor que o autor aqui diz, textualmente: “Estes casos, porém, demonstram a ressuscitação, ou seja, os mortos voltaram a vida e posteriormente enfrentaram a morte novamente.” (grifei) Assim, com base nessa afirmação do autor, podemos dizer que, como Jesus ressuscitou, Ele voltou no mesmo corpo e também teve que enfrentar a morte novamente, a exemplo dos mortos por Ele ressuscitados. Aí, pergunto: Será que, como aconteceu com os outros ressuscitados (não haver notícias da segunda morte), também foi o que aconteceu com Jesus? E mais: será que foi por isso que seu corpo não foi encontrado até hoje? E não se pode aventar que o Seu corpo não foi achado porque Ele subiu aos Céus em corpo e alma, já que Ele mesmo disse que a carne para nada aproveita (Jo 6,63).

Consequentemente, Ele jamais iria contradizer sua palavra; por que digo isso? Simplesmente porque, se alguns seres humanos normais, que se dizem intérpretes da Bíblia, não

aceitam mudar de ponto de vista, em função de uma interpretação divergente de terceiro, simplesmente porque acham que, com sua interpretação, estão transmitindo a palavra de Deus que, por ser palavra Dele, é imutável e que, portanto, estão absolutamente certos. Mas, quando é para defender seus pontos de vista, vê-se que, sob a ótica deles, a “palavra” de Deus não é tão imutável assim, pois chegam ao ponto de pretender deturpar os significados das palavras, como se houvesse diferença entre RESSURREIÇÃO e RESSUSCITAÇÃO, que têm a mesma origem, e constam nos dicionários como sinônimas.

Para tanto, pedindo desculpas ao leitor por me alongar neste tópico, transcrevo do “Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire – Livraria José Olympio Editora – Volume V – 3ª Edição, 1957:

“RESSUSCITAR, ou RESUSCITAR, v. r. v. Lat. *resuscitare*. Fazer voltar da morte à vida; chamar outra vez à vida (*tr. dir.*) 2. Tornar a viver; voltar da morte à vida (*intr.*) 3. Voltar à vida por um ato da sua vontade.

RESSURREIÇÃO, ou RESURREIÇÃO, s. f. Lat. *resurrectio; resurrectionem*. Ato de ressuscitar, restituição do morto à vida; ato de reaparecer vivo depois de haver morrido. 2. *Fam.* Cura surpreendente e inesperada. 3. Restabelecimento, renovação, nova vida, novo vigor. 4. Renascença das artes, das letras, das ciências, etc. 5. Festa católica em que se celebra a ressuscitação de Jesus Cristo. 6. Quadro que representa a ressuscitação de Jesus Cristo. (grifei)

RESSUSCITAÇÃO, ou RESUSCITAÇÃO, s. f. Ato ou efeito de ressuscitar; ressurreição, ressurgimento, reaparição. (grifei)”

Como o leitor poderá ver, ambas as palavras são sinônimas, o que demonstra que a pretensão dos teólogos é estabelecer uma diferenciação entre o uso das palavras “Ressuscitação”, para o retorno de Lázaro e dos outros ressuscitados à vida nos seus respectivos corpos, e “Ressurreição”, para o retorno de Jesus à vida no seu corpo; entretanto, tal diferenciação foge à realidade dos fatos, e à lógica, já que não há diferença nenhuma entre o retorno de Jesus ao seu corpo e o retorno dos demais ressuscitados aos seus respectivos corpos, diferentemente do que querem dar a entender os teólogos, como se fossem fenômenos diversos, só porque um ocorreu com Jesus e os outros com pessoas normais, esquecendo-se que, por serem fenômenos da natureza, com o mesmo tipo de corpos (humanos) não pode haver diferença entre eles.

E porque não há diferença de ocorrência entre esses retornos? Simplesmente porque nenhum dos ressuscitados ressuscitou a si próprio; todos foram ressuscitados por outrem, inclusive Jesus, que foi ressuscitado por Deus, como nós também seremos, conforme 1Co 6,14, que diz: “Ora, Deus, que também ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará a nós pelo seu poder.”

Daí, podemos tirar a seguinte conclusão:

Ninguém pode ressuscitar a si próprio, pois até Jesus foi ressuscitado por Deus, o que corresponde a dizer que algumas atribuições divinas não foram concedidas a ninguém, nem a Jesus, como a de ressuscitar a si próprio, sob pena dessa pessoa ser considerada Deus.

Assim, podemos deduzir que, talvez, tenha sido por isso que a igreja tenha criado o dogma da “santíssima” trindade, para ser atribuído a Jesus o título de segunda pessoa da trindade, visando preencher essa lacuna no contexto bíblico, na tentativa de justificar que ele venceu a morte, como se Deus fora.

Agora, caro leitor, será que fica clara a intenção de se tentar atribuir sentidos diferentes à mesma ação (voltar à vida no mesmo corpo) mediante a utilização de palavras sinônimas, com

base em um dogma imposto, só por ter acontecido com pessoas de diversos níveis de evolução espiritual, mesmo que com corpos compostos por substâncias físicas iguais?

Uma vida, uma morte

Após uma série de citações bíblicas, na tentativa de justificar o seu ponto de vista contra a reencarnação, e pretendendo estabelecer diferença entre a ressuscitação de Jesus e as ocorridas com outros personagens bíblicos, o autor, finalmente, como num “cheque mate”, transcreve a passagem contida em Hebreus 9,27, que diz: “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo”.

Ao menos avisado, ou a quem acredita cegamente em alguém que se apresenta como conhecedor da “palavra” de Deus, só porque decorou alguns textos e algumas interpretações preestabelecidas em algum curso de pastor (nos dias atuais feito até via internet), esse verso aparentemente se apresenta como contrário à reencarnação; entretanto, peço que o leitor acompanhe meu raciocínio, para ver se ele realmente se aplica ao caso; veja:

Se se prestar um pouco de atenção ao texto verificar-se-á que essa passagem, ao contrário do que afirmam os antirreencarnacionistas, não nega a reencarnação, já que o espírito não morre. Assim, como o que morre é o corpo (e ele só morre uma vez, porque se decompõe, retornando aos elementos químicos básicos que o formaram), essa afirmação só seria válida se em Hb 9,27 estivesse escrito que *só se nasce uma vez*; aí, sim, a reencarnação estaria, nesse ponto, sem suporte bíblico, pois evidenciaria que o espírito só viveria uma única vez, já que, nesse caso, como só poderia nascer uma vez, literalmente estaria impedido de nascer de novo, isto é, de ocupar novo corpo. Mas alguém poderá argumentar que o “só se nasce uma vez” é contrário à reencarnação, já que se se morre várias vezes não se pode, concomitantemente, afirmar que só se nasce uma vez, pois cada morte é precedida de um nascimento. Entretanto, não nos esqueçamos de que o ser humano é composto de corpo (matéria) e espírito (essência), como as religiões cristãs e não cristãs assim preconizam, sendo o corpo a parte perecível, que se decompõe (como toda matéria) nos elementos químicos básicos que o formaram para servir de vestimenta ao espírito. Isso porque o espírito é o mesmo, mas o corpo é uma nova matéria, que começa a se delinear a partir da fecundação do óvulo pelo espermatozoide, e a existir a partir do início da formação embrionária (concepção), para uso do espírito, como uma vestimenta é usada pelo ser humano; e, como toda vestimenta, é descartável, o que é reconhecido pela “palavra” de Deus, quando diz: “O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida. (Jo 6,63) Mesmo porque, como o cristianismo é uma religião espiritual por excelência (embora desconheça qual que não seja) a sua mensagem tem que ser dirigida ao espírito e não ao corpo. Consequentemente, o “só se nasce uma vez” não entra em conflito com a ressuscitação, já que esta última (ressuscitação) não implica em novo nascimento, mas em um simples retorno, isto é, volta do espírito ao mesmo corpo, do qual ele saíra e que, ainda, não se encontrava decomposto, a exemplo da vestimenta, que é usada uma segunda vez. Não é lógico, caro leitor?

E esse entendimento está conforme o que diz a “palavra de Deus”, constante de Genesis 3,19 e Eclesiastes 12,7, dizendo este último: “*Então o nosso corpo voltará para o pó da terra, de onde veio, e o nosso espírito voltará para Deus, que o deu.*” (Bíblia de Estudo Nova Tradução na Linguagem de Hoje, da SBB). Ou será que alguém pretenderá contradizer a “palavra” de Deus?

Aqui, mais uma vez, peço a sua atenção, caro leitor, para o fato de que a epístola aos hebreus, ao contrário das outras, é a única cujo autor não é identificado, o que nos leva a duvidar sobre a confiabilidade das suas colocações, como pertencendo a um só autor ou se é o resultado de um apanhado de diversos autores ou pronunciamentos; qualquer dúvida sobre o que dizemos, pedimos verificar na introdução a essa epístola.

Agora, em contraposição à interpretação dos não reencarnacionistas, tirada dessa passagem (Hebreus 9,27), apresentamos as passagens contidas em Malaquias, 3,22-23 ou 4,4-5, conforme a versão, e em Mateus 11,13-15; diz Malaquias: *“Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe mandei em Horebe para todo o Israel, a qual são os estatutos e juízos. Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR;”*. Veja o leitor que a “palavra de Deus” determina o profeta que será enviado, citando até seu nome (Elias), o que impede se tente alegar que foi prometido um profeta com a mesma missão ou o mesmo ministério de Elias, conforme algumas interpretações afirmam; isso porque Elias é mencionado nominalmente como o profeta que será enviado antes de Jesus.

Já em Mateus, Jesus diz: *“13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos para ouvir ouça.”* Logo, como Deus diz que vai enviar Elias, não podemos entender de outra forma, senão a de que será Elias o profeta enviado *“antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR”*, conforme Jesus afirma em Mateus 11,13-15 e confirma em 17,10-13: *“10 Em seguida, os discípulos o interrogaram: Por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro? 11 Jesus respondeu-lhes: Elias, de fato, deve vir primeiro e restabelecer todas as coisas. 12 Mas eu vos digo que Elias já veio, mas não o reconheceram; antes, fizeram com ele quanto quiseram. Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem. 13 Os discípulos compreenderam, então, que ele lhes falava de João Batista.”* Veja o leitor que os discípulos (pelo menos Pedro, Tiago e João) tinham conhecimento da reencarnação, como se vê da pergunta que eles fizeram a Jesus (Por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro?) e, em virtude da resposta dada, eles terem compreendido que Jesus lhes falava de João Batista. Ou ainda se vai negar?

Embora já tenha abordado esse assunto anteriormente, nunca é demais repetir; veja o leitor que os discípulos falam em vir, o que significa que, para se “vir”, é necessário ter-se ido, o que leva à dedução de que Elias já havia ido para a dimensão espiritual; e para ir para lá só há uma maneira: desencarnar (morrer). Ou ainda se vai negar?!

Portanto, ainda que se queira insistir, não cabe o famoso chavão de que João veio com a função ou missão de Elias, como os não reencarnacionistas alegam, porque, nesse caso, estar-se-á afirmando que Deus nos enganou, já que disse que mandaria o profeta Elias (MI 4,5) e nos teria mandado outro profeta, e que Jesus nos mentiu ao afirmar (Mt 11,13-15) e confirmar (Mt 17,10-13) que João é Elias, quando, de acordo com o entendimento dos antirreencarnacionistas, em geral, e do autor, em particular, não seria. Nesse caso, podemos dizer que Deus nos enganou e que Jesus nos mentiu? Claro que não! Então, só nos resta a conclusão de que João é Elias, ainda que se tente alegar que a Bíblia é inerrante. Em função disso, pergunto: Se a Bíblia não erra, então Deus nos enganou e Jesus nos mentiu?! Deixo a cargo do leitor a opção de dizer com quem está a razão.

Para corroborar essa interpretação apresento o seguinte exemplo: O Papa comunica aos habitantes da “Cidade de Deus” que vai mandar um padre chamado Olegário, para anunciar quando será instalada a diocese nessa cidade e quem será o seu primeiro bispo; além disso, o Papa diz que o pároco conhece esse padre de nome Olegário. Suponha que esse padre chegue lá normalmente e alguém lhe pergunte quem ele é e ele simplesmente responda: eu sou aquele a respeito de quem o Papa disse que vem anunciar a instalação da diocese e quem será o seu primeiro bispo; certamente aparecerão aqueles que, embora sabendo da promessa do Papa, não acreditarão na sua história e vão perguntar ao pároco quem é esse que diz que veio anunciar a instalação da diocese e quem será o seu primeiro bispo; suponha, agora, que o pároco diga que esse é aquele que o Papa prometeu mandar para anunciar a instalação da diocese e informar quem será o seu primeiro bispo. Será que, em virtude dessa resposta, alguém vai duvidar do pároco e dizer que aquele padre não é o Olegário, mas, apenas, um padre que veio com a mesma

função do padre prometido pelo Papa? Por serem o Papa e o pároco pessoas comuns, até poderíamos admitir como válida a dúvida desse alguém sobre o fato de o Papa os ter enganado, por ter prometido mandar o padre Olegário e mandado outro, e de que o pároco mentiu ao afirmar que aquele padre seja o prometido padre Olegário que deveria vir; entretanto, em se tratando de Deus e de Jesus, alguém terá coragem de dizer, ou de suspeitar que Deus, a exemplo do Papa, nos enganou e que Jesus, a exemplo do pároco, nos mentiu? alguém vai dizer?... Eu, jamais!

Agora, pergunto ao leitor: será que há alguma diferença entre o exemplo aqui proposto e as passagens descritas em Malaquias 3,23 (ou 4,5) e Mateus 11,13-15 e 17,10-13?

Veja o leitor a promessa do Papa, a exemplo do que prometeu Deus em Malaquias, e a afirmação do pároco, a exemplo do que afirmou Jesus em Mateus; um prometeu e o outro confirmou o que foi prometido. Tirando os nomes das pessoas descritas no exemplo e as mencionadas na Bíblia, há alguma diferença entre as duas situações?

Como o leitor poderá ver, dizer que essa passagem de Hebreus 9,27 é contra a reencarnação é um baita sofisma, pois, repita-se, ela só poderia ser considerada contra a reencarnação se nela estivesse escrito que só se nasceria uma vez, impedindo o espírito nascer outra vez, contrariando o que Jesus disse a Nicodemos, em Jo 3,7: "Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.", isto é, novamente, outra vez; e não nascer de outra forma ou maneira como pretendem algumas interpretações contrárias à reencarnação, já que o único sentido da expressão "de novo" é o de "novamente" ou o de "outra vez".

Apenas para confirmar o que digo, transcrevo o que diz um texto de Jeremiah e Calson, citado pelo autor com o objetivo de contestar a reencarnação, onde é dito: "Por que você deve sentir-se pessoalmente responsável se terá oportunidade de viver de novo, tentando acertar as coisas?". (grifei) Veja, caro leitor, que o próprio autor reconhece que o "de novo" tem o sentido de "novamente" e de "outra vez"; tanto assim, que utilizou essa expressão tentando justificar a incongruência do viver "de novo" como forma de reparar erros cometidos em vida anterior, constante no sub tópico "Uma questão de justiça", do tópico "REENCARNAÇÃO: O QUE DIZEM OS ESPÍRITOS DE KARDEC", reproduzido na página 3 deste trabalho; é só o leitor voltar lá para ver...

Entretanto, posso dizer que Hb 9,27 é contra as ressurreições constantes da bíblia, porquanto todos os personagens nelas envolvidos morreram uma segunda vez.

O autor, no tópico

CONCLUSÃO

diz que:

"Não é fácil lidar com as tamanhas distorções que o Kardecismo faz e desfaz com as doutrinas fundamentais da fé cristã"; entretanto, ele não cita uma distorção sequer para embasar seu ponto de vista; apenas parte para demonstrar sua preocupação em saber que, além daqueles que estão sendo vítimas espontâneas destas crenças [não as cita] e dizer que "existem muitos cristãos sinceros dentro de igrejas que tem a vida norteadada por conceitos espíritas, e o pior, muitos tem se desviado do caminho de Jesus buscando respostas simplistas e imediatas no Kardecismo".

Em função dessa afirmação de busca de respostas simplistas e imediatas, pergunto:

Qual das duas respostas mais simplista e de fim imediato que cumpre o que Jesus diz em Mateus 16,27:

1) a que sugere a salvação pela graça e perdão em Cristo, que ele atribui a Norman Geisler; ou

2) a que afirma que a salvação é conquistada através da caridade, que nada mais é do que uma ação (obra) em benefício do próximo?

Transcrevo o texto de Mateus 16,27 visando evitar que o leitor perca tempo pesquisando:

“Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e, então, dará a cada um segundo as suas obras.” (grifei)

Como um fiel consciente não se sujeita a imposições interpretativas, por ter o seu próprio entendimento, para esse tipo de fiel não restará a menor dúvida de que a sua opção será pela de nº 2, por estar mais consentânea com o que Jesus diz em Mateus 16,27.

Portanto, não há que se falar em salvação por graça, pois, aí, sim, estar-se-á fugindo ao texto e contexto bíblicos, já que a palavra de Deus, está cheia de sugestões de Jesus, e de seus apóstolos, no sentido de se praticar o bem ao próximo, que tem como exemplo máximo a parábola do bom samaritano.

Diz ainda Norman Geisler, citado pelo autor:

“Segundo o cristianismo, o perdão é possível. Jesus perdoou seus inimigos que o crucificaram (Lc 24.34). Os cristãos devem perdoar como Cristo nos perdoou (Cl 3.13). O perdão é contrário à doutrina do carma e torna a reencarnação completamente desnecessária.”

Pelo que está dito neste texto fica claro que ambos (autor e Norman Geisler) não entendem nada da lei do carma, que na Doutrina Espírita é chamada de lei de causa e efeito, ou, simplesmente, ao dizerem isso, estão procedendo com absoluta má-fé, já que a lei do carma, como já dito acima neste trabalho, é de aplicação bivalente, ou seja, tanto se aplica para punir (corrigir) como para premiar; melhor dizendo: plantou boa semente e a cultivou bem, colher-se-ão bons frutos (vai para o paraíso); plantou má semente e não a cultivou bem, colher-se-ão maus frutos (vai para o inferno); entretanto, para confundir seus seguidores, em relação à reencarnação, os não reencarnacionistas a divulgam como sendo de aplicação só para punir. Se assim fosse, na concepção deles só existiria o inferno.

Com relação ao fato de Jesus perdoar os que O crucificaram, essa atitude mostra quão Jesus foi magnânimo em sua atitude de perdoar seus inimigos; entretanto, essa de que Ele nos perdoou é de uma incongruência absurda, já que, para se aceitar tal fato, de duas uma, para termos a possibilidade de receber o perdão pelos nossos pecados cometidos:

1) que vivemos naquela época e continuamos reencarnando neste planeta, até agora, para que essa mensagem possa ser aplicada em relação a nós que vivemos nos dias atuais;

ou

2) que, seguindo esse entendimento, podemos pecar quanto desejarmos, pois já estamos perdoados, já que esse perdão foi dado por Jesus, em caráter definitivo, tornando-o irrevogável, o que é um absurdo, pois deixa de ser perdão para ser uma declaração de imunidade, já que estamos perdoados dos nossos pecados futuros; ora, se o ser humano não faz uma coisa dessas, por considerá-la um absurdo, como podemos esperar que Jesus tenha cometido um absurdo desses; pode?!

Em seguida, traz o autor o seguinte texto de Geisler:

"A salvação é um 'dom' (Jo 4.10; Rm 3.24; 5.15-17; 6.23; 2Co 9.15; Ef 2.8; Hb 6.4) que é recebido pela fé. Em vez de se esforçar para merecer o favor de Deus, o crente recebe graça ou favor imerecido e é declarado justo. A justiça de Deus é satisfeita porque Jesus foi castigado pelos pecados de todo o mundo na sua morte. Nossos pecados não foram simplesmente ignorados ou jogados debaixo do tapete. Jesus pagou (Rm 3.25; Hb 2.17; 1Jo 2.2; 4.10) a exigência de Deus por justiça ao levar nossa culpa como nosso substituto. Essa penalidade paga por Cristo é contrária à doutrina do carma e atinge a base da necessidade de reencarnação".

Com relação a esse texto, se for prestada a atenção ao que é dito nele, o leitor verá que Deus cometeu uma crueldade tão grande que pouco (ou quase nenhum) ser humano seria capaz de cometer em relação a um de seus filhos, que é matar um filho sem pecados em lugar dos que pecaram, objetivando saciar a sua "sede" de justiça contra os demais filhos pecadores. Meu caro leitor, você seria capaz de fazer uma coisa dessas? Tenho certeza que não, face a seu senso de justiça e por conhecer e aceitar o que está escrito em Dt 24,16; Jr 31,29-30 e Ez 18,20; imagine Deus, que é todo amor e misericórdia, pilares da Justiça...

Quanto a Geisler ter dito, com a concordância do autor, que "Essa penalidade paga por Cristo é contrária à doutrina do carma e atinge a base da necessidade de reencarnação", peço ao leitor que sinceramente analise se a penalidade "paga por Cristo" é contrária à lei do carma, como dizem eles, ou se a penalidade aplicada a Cristo é contrária à misericórdia e ao amor de Deus, virtudes essas que Jesus, a todo tempo, nos manda cumprir na Bíblia...

Assim, partindo do princípio de que essa penalidade aplicada a um homem puro, para que os nossos pecados fossem perdoados, é resultado de uma dedução absurda, temos que admitir que essa punição de Jesus contraria realmente é a "palavra" de Deus, onde Jesus diz que "dará a cada um segundo as suas obras", quando do seu retorno, e não a lei do carma, como pretende o autor, ainda que com base na opinião de Norman Geisler.

Finalizando a sua "conclusão", o autor apresenta um libelo contendo dois apelos contra o Espiritismo, sem qualquer ligação com o assunto a que se propôs contestar (reencarnação), o que me impede de apresentar uma conclusão sobre a sua "conclusão", a não ser a de que o seu estudo é mais um daqueles em que alguém diz que vai apresentar suas razões para negar a reencarnação e parte para ataques contrários ao Espiritismo, que muitos o denominam de Kardecismo, sem apresentar argumentos contrários à existência da reencarnação, utilizando como justificativa para "combater" a reencarnação uma expressão vaga de que ela (reencarnação) é condenada no texto e no contexto bíblicos, sem, contudo, mencionar qualquer passagem bíblica em que a reencarnação seja negada, enquanto nós, espíritas, mostramos as passagens bíblicas onde a reencarnação está perfeitamente demonstrada na Bíblia.

Pedindo desculpa ao leitor pela repetição, transcrevo três passagens que, encadeadas, nos permitirão demonstrar a existência da reencarnação na Bíblia. Veja o leitor:

"Malaquias 4,5: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR;"

Vejam, leitor e autor, que nesse versículo Deus menciona o nome de quem Ele vai enviar: o profeta Elias, e não um profeta qualquer; notaram?!

Mt 11,7-15: "O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai

preparar o teu caminho diante de ti'. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça".

Na afirmação de que "é de João que a Escritura diz", Jesus está relacionando João Batista exatamente à profecia de Malaquias a respeito do envio do mensageiro (Ml 3,1), identificado pelo próprio profeta como sendo Elias (Ml 3,22-24), conforme já vimos. E Ele foi bem enfático em afirmar isso ao complementar no versículo 15: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça." Ou seja, só não entende quem não quiser entender.

Mateus 17.10-13: "10 E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro? 11 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; 12 Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. 13 Então entenderam os discípulos que lhes falara de João o Batista."

Já nessa passagem Jesus confirma que João é Elias, ao dizer que Elias já veio e não o conheceram. Mas, o mais importante nessa passagem, além da confirmação de Jesus, é o fato de que os discípulos (pelo menos Pedro, Tiago e João) tinham conhecimento da reencarnação, como se vê da pergunta que eles fizeram a Jesus e do fato deles terem compreendido que Jesus lhes falara de João Batista. E mais: veja o leitor que os discípulos falam em vir, o que significa que, para se "vir", é necessário ter-se "ido", o que leva à dedução de que Elias já havia ido para a dimensão espiritual; e para ir para lá só há uma maneira: desencarnar (morrer). Veja-se que até Jesus não escapou dela, uma vez que, tendo aqui encarnado, assumiu todas as consequências das leis físicas da Terra. Ora, se Jesus, o filho unigênito de Deus, não escapou da morte Deus iria dar tratamento diferenciado àquele que viria anunciar a sua vinda? Ou ainda se vai dizer que daria tratamento diferenciado?! Portanto, ainda que se queira insistir, não cabe o famoso chavão de que João veio com a função ou a missão de Elias, como os antirreencarnacionistas alegam, porque, nesse caso, estar-se-á afirmando que Deus nos enganou, já que disse que mandaria o profeta Elias (mencionando até o seu nome) e nos teria mandado outro profeta, e que Jesus nos mentiu ao afirmar, e confirmar, que João é Elias, quando, de acordo com o entendimento dos contrários à reencarnação, em geral, e do autor, em particular, não seria. Nesse caso, podemos dizer que Deus nos enganou e que Jesus nos mentiu? Claro que não! Então, só nos resta a conclusão de que João é Elias, ainda que se tente alegar que a Bíblia é inerrante. Em função disso, repito a pergunta: Se a bíblia não erra, então Deus nos enganou e Jesus nos mentiu?! Neste caso, para que não digam que estou sendo tendencioso, deixo a cargo de o leitor dizer com quem está a razão...

JOÃO FRAZÃO DE MEDEIROS LIMA

dez/2011.